

Tribuna Livre

26
MAIO
1962

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

INSTALAÇÃO DOS SERVIÇOS JUDICIAIS

Estão praticamente concluídas as obras de pintura, decoração e mobiliário do edifício da Rua Sá de Miranda, desta Vila, onde poderão ficar instalados os serviços judiciais da nova Comarca de Amares, assim como estão asseguradas as casas para os magistrados.

As amplas e decentes instalações, são bem dignas para que ali se inaugurem os serviços da nova Comarca.

Dotadas de uma boa sala de audiências e de 2 grandes gabinetes para os magistrados elas comportam ainda sala de testemunhas, sala de advogados 3 salas para arquivo e uma grande secretaria.

Além disso é uma construção nova — contra incêndio.

Na opinião de algumas individualidades do foro as instalações são das melhores que se encontram em Comarcas da sua categoria, e melhores do que algumas de 2.ª classe.

A solução que a nossa Câmara perfilha é realmente a melhor, visto que a maior imparcialidade:

1.º — Porque, como já foi dito, não há possibilidades de instalar a Comarca nos aposentos onde funcionava o julgado, pois necessitaria

Governador Civil

No passado domingo dia 20, visitou particularmente o nosso Concelho, Sua Ex.ª o Senhor Governador Civil do Distrito que aqui se deslocou para se certificar das possibilidades de instalação dos serviços de justiça da nossa nova Comarca, e do alojamento dos magistrados.

Dirigindo-se aos Paços do Concelho verificou as obras instaladas judiciais e administrativas, e as pequenas possibilidades de adaptação que existem para melhorar os dois serviços péssimamente instalados.

Visitou também o edifício dos Bombeiros Voluntários, da Rua Sá de Miranda. Sua Ex.ª teve ainda a amabilidade de visitar a nova Capela da Senhora da Paz, a escola masculina, a Casa do Povo e a Caixa de Crédito Agrícola, que ainda a não conhecia e admirou.

de uma secretaria, de gabinete para o sr. Delegado, de sala para advogados, sala para arquivo e instalações sanitárias.

Além de tudo isto continuaríamos a ter uma sala de audiências, por onde todos (público magistrados e funcionários) teriam de entrar e atravessar para se dirigirem a quaisquer dos serviços ou gabinetes.

Em pleno julgamento as audiências estão sempre a ser arrelhiadamente interceptadas pelas pessoas que se têm de dirigir a qualquer

dos serviços, gabinete, ou dependência. Também acontece que qualquer pessoa que ali vá não teria qualquer antecâmara para se abrigar, para fumar um cigarro, nem instalações sanitárias facultativas, o que tudo existe nas novas instalações.

Ora isto são pontos fundamentais duma instalação condigna.

Acontece porém que tais obras não são possíveis ao Município (mesmo numa tristíssima adaptação como aca-

Continua na 4.ª página

Metrópole à sombra de uma muralha

A Muralha na antiga capital da Alemanha já existe há mais de meio ano. A fronteira mais cruel e mais desumana que se possa imaginar tem 150 km de comprimento; Os dirigentes da Zona Soviética da Alemanha continuam a trabalhar na sua construção, tornando-a cada dia mais alta e mais impenetrável. Em alguns pontos já atingiu uma altura de vinte metros, caso também se designem de muralha as casas na linha fronteiriça cujas portas e janelas foram fechadas com tijolos e em cujos telhados se colocaram obstáculos de arame farpado. Mas a Muralha também penetra profundamente no solo. Em todos os pontos onde os canos de esgoto atravessam a linha de demarcação, colocaram-se grades de ferro. Atrás da Muralha há campos de minas, obstáculos para impedir a passagem de carros blindados, dispositivos de disparo automático, ameaçando todos aqueles que pretendam fugir para Berlim Ocidental. Quer parecer que não há parte alguma no mundo onde a fronteira entre o Leste e o Ocidente seja tão nítida como na antiga capital da Alemanha.

O lugar-tenente dos soviets no Sector Soviético de Berlim, o Ditador Ulbricht, já confessou o motivo da construção da Muralha: a fuga da Alemanha Central e do Leste daqueles que já não podiam suportar o regime comunista e escolheram a liberdade tornara-se um perigo de morte para a Zona de Ocupação Soviética. Os co-

munistas alemães estavam em face da ruína económica caso não conseguissem impedir a fuga de especialistas e de intelectuais. Os funcionários do partido nunca tiveram a ideia de evitar a fuga dos seus cidadãos alterando o regime desumano, designado de «socialista». Esses «chefes da classe proletária» que na verdade são exploradores da sociedade, só conhecem os meios da escravização. De um dia para o outro construíram a muralha que desde então já trouxe aos alemães imensos sofrimentos e a cuja sombra os berlinenses arriscam constantemente a sua vida pela liberdade.

Os «Polícias Populares», designados em Berlim Ocidental

(Continua na 4.ª página)

A Exortação de Norton de Matos

Com a devida vénia transcrevemos do Jornal «A Voz», este excelente artigo.

Os papelinhos foram distribuídos aos milhares, por toda a parte. Neles se faziam apelos á subversão, ás manifestações desordeiras, aos gritos de protesto ou mesmo de traição. Convidavam a manifestações em massa por todo o País, e foram distribuídos, até, nos concelhos mais distantes.

Instrução técnica profissional

Como a população aumenta constantemente e as terras laboráveis são sempre mais ou menos as mesmas, visto que as superfícies conquistadas aos baldios são relativamente pequenas, resulta que o aumento da produção agrícola tem de ser obra da técnica.

Essa necessidade imperiosa exige a formação de um escol de trabalhadores profissionalmente competentes, isto é, familiarizados com os novos processos da cultura.

Outrora bastavam o empirismo e a tradição para se obterem colheitas suficientes, já que a agricultura era quase tão-só uma arte reagida por meia dúzia de regras elementares.

Esse simplicismo primário é hoje porém manifestamente insuficiente, pois a agricultura contemporânea exige que o trabalhador tenha conhecimentos que, embora elementares, são o fundamento insubstituível da produção em larga escala, que é a única que garante preços e qualidades que possam fazer frente às necessidades do país e manter em respeito a concorrência estrangeira.

É portanto necessário pensar em criar no país, sobretudo nas principais zonas agrícolas, escolas técnicas de orientação, onde a juventude das aldeias e das vilas, possam encontrar os conhecimentos

Continua na 4.ª página

Abastecimento da Região

Demarcada com

VINHOS MADUROS

Tendo em atenção a escassez de vinho verde, que se vem acentuando na maioria dos concelhos da Região Demarcada, a Comissão de Viticultura deliberou promover o seu abastecimento por vinhos maduros.

As condições a satisfazer pelo comércio interessado, estão patentes nos Grémios da Lavoura da Região, e na sede desta Comissão de Viticultura à Rua da Restauração, 318, do Porto, para onde deverão ser dirigidos quaisquer pedidos de licenciamento de entradas de vinhos maduros.

A Lavoura através dos factos

por MATEUS RICARDO

Muito se vem fazendo na reconstrução nacional. Tudo se verifica em sincero exame. Antes de três décadas, estreiteza e mau acondicionamento das finanças, cidades, vias de comunicação... Largueza de dificuldades, desordem... Entradas nelas (décadas) as finan-

ças equilibram-se — Deus sabe com quantos sacrifícios! — alargam-se cidades, estradas e demais vias de comunicação. E não se fica por aqui: — Construam-se campos de aviação avantajados, barragens altas e fortes, etc.

Parece esquecer-se, no entanto, que tudo pesa sobre a terra, arada ou inculta.

E a lavoura sente-lhe as restrições e lamenta-se de não produzir o suficiente.

Criam-se problemas. Resolvem-se alguns.

Empregam-se esforços para os resolver a todos. Todavia, para além destes outros surgirão. Só se resolvem depois de aparecerem. A construção de barragens vem afogando freguesias inteiras — as melhores zonas de produtividade agrícola. O mesmo se pode dizer dos campos de aviação, alargamento de cidades e vilas, construção e alargamento de estradas, etc. Isto não significa, de maneira nenhuma, discórdia: representam um dos

(Continua na 4.ª página)

(Continua na 6.ª página)

TRIBUNA FEMININA

Coordenado por JORNAL FEMININO

A mulher perante a vida A frágil pele das crianças

O nome de solteirona é, geralmente, aplicado sem sentido pejorativo para designar a mulher que, ultrapassados os trinta anos, continua solteira. Ser solteirona origina, quase sempre, um complexo de inferioridade mesmo nas que ficaram nesse estado civil por escolha consciente.

— «Então quando te casas?» — a pergunta pretensamente amável das amigas contém um acento de desprezo e piedade mal disfarçada que irrita quem a ouve. Expor, em pormenor, que se não quer casar ou que se não casa porque se sofreu alguma desilusão profunda, implica uma série de conselhos ponderados, de previsões de uma vida solitária e sem interesse por parte daquelas que têm vida organizada, um lar em que se apoiam.

A solteirona é considerada uma falhada porque não seguiu o ritmo normal da vida e não realizou a vocação comum. Ante o panorama negro traçado pelas ocasionais conselheiras, o que cumpre fazer à mulher que não tem propensão para o casamento? Casar-se com um ser que não ama pelo medo do vazio futuro? Aceitar as sugestões das amigas e ser mais dona de

casa que esposa?

A mulher casada é, quase na generosidade, dona de casa. A função de esposa é cumprida em reconhecimento daquela. Toda a rapariga anseia por ter uma casinha sua onde possa pôr e dispor. Acontece muitas vezes aceitarem um casamento só para a concretização desse sonho. Depois arrependem-se, lamentam-se e suspiram pela casa paterna. Mas a casinha é sua, as contrariedades provocadas pelo homem a quem amaram por ilusão ou auto-sugestão deixam de ter a importância inicial, habitam-se e a casa, os filhos, a vida social absorvem o seu interesse. Não são esposas, são mães, a Senhora X. Em última análise não lhes basta.

«Por muito bem que estejamos nunca somos tão felizes como éramos na casa dos nossos pais» — mas apesar de se sentirem incompletas, classificarem o casamento de cruz pesada, reparam que a irmã de sexo siga destino diferente.

Há um medo desrazoável pela opinião pública. Condicionarmo-nos a ela que é tão variável e injusta, obliterando quase sempre o valor das pessoas e coisas, é diminuirmo-nos. A mulher solteira

pode ser um ente tão útil, tão pleno ou mais do que a que casou e foi mãe. Em todas existe a maternidade em potência. E existem duas espécies de maternidade: a carcal e a espiritual. Algumas (embora muitas outras gozem dessa doce plenitude) não chegam nunca a ser mães dos seus filhos. Não é um paradoxo. É que além do laço de sangue há a comunhão espiritual, a interpenetração entre a personalidade formada e a que se encontra em fase receptiva, imprimindo-lhe características que as identificam.

A solteira por capricho da sorte é que mais se aproxima da imagem que formamos da solteirona: azeda, invejosa e intrometida. Felizmente que raras encarnam este tipo-padrão; vulgarmente tornam-se em pessoas sem vacidade, retraídas, nervosas, sem interesse pela vida. O primeiro destes elementos é nocivo; o outro é nulo. Não são estas, porém, as únicas reacções; dignificando-as e afirmando que a mulher pode renunciar e erguer-se a um plano superior aos seus sonhos há as solteironas que são mães, no seu supremo instinto maternal, de todo o ser que sofre, dando-lhe incondicionalmente

aos desgraçados, lenificando abnegadamente dores. Essas não serão falhadas, inúteis. São as mães das órfãs, o amparo dos infelizes, relizando-se melhor ainda do que a que limita o seu interesse às comodidades dos familiares.

Há muitas formas de uma mulher só preencher a sua vida. A enfermagem é uma profissão bem feminina onde a mulher pode empregar todas as suas qualidades e encontrar a compensação para os sacrifícios que fizer. O sorriso agradecido de um doente, a gratidão pela suavidade do tratamento moral e físico, tudo compensa.

O curso de Assistente Social também faculta o emprego das qualidades caridosas e humanitárias.

Este tipo de solteirona não carece de piedade. Vive uma vida normal como as outras mulheres. Depende dela casar ou não casar. O amor surge a todas. Depende saber reconhecê-lo e aproveitá-lo. A vida renova-se constantemente. As desilusões curam-se. Todos sabemos que o ser humano tem muito má memória para o sofrimento. Só o bem perdura na memória.

(Continua na 4.ª página)

O recém-nacido tem uma pele ultra-sensível que deve ser cuidada atentamente e com toda a delicadeza, para que não resultem afecções desagradáveis que comprometam a sua saúde.

O primeiro cuidado a ter para evitar as vermelhões do assento, é a mudança frequente das fraldas e a atenção de que estas não sejam de tecido áspero ou lavadas com produtos irritantes, como a lexívia, antes com um sabão branco, deixando-as corar, e passando-as em seguida por diversas águas.

Ao retirar-se a fralda — e deve fazer-se sempre após a mamada, pois o bebé molha-se geralmente nessa altura — convém passar-se um pouco de algodão embebido em óleo de amendoas doces sobre a pele irritada e depois polvilhar com um pouco de talco.

No caso do bebé transpirar muito, o que por vezes é motivado por estar muito enroscado ou porque toma leite em excesso, polvilhe os locais molhados pela transpiração, pois o pó de talco absorve a humanidade. É preciso, para evitar a transpiração que pode inflamar a epiderme da criança, suprimir os abafos excessivos e dar-lhe a quantidade de leite prescrita pelo médico. Não se incomode se o seu filho transpira muito na cabeça, desde que não seja motivado por doença, pois é uma coisa natural. Geralmente, quando isto sucede, é acompanhada por uma diminuição da urina, pois a eliminação de pele substitui a da bexiga.

Além da vermelhidão, é muito frequente erupções cutâneas que provêm geralmente de perturbações digestivas ou de parasitas. Não se deve deixar a criança coçar-se e quando se der conta que ela está com essa tendência, deve procurar-se a causa e remediá-la. Quando das perturbações digestivas que provocam borbulhas avermelhadas, é necessário mostrar-se ao médico.

Uma maneira curiosa de evitar que as crianças se comecem, deixando-lhes ao mesmo tempo os bracitos livres, é a aplicação de «mangas rígidas», confeccionadas em cartão enrolado, bastante largo para não comprimir demasiado os braços e comprimento suficiente para ir dos sovacos aos pulsos, de forma a criança não os poder dobrar.

Além de estar atenta a possíveis parasitas que surjam na cabeça do seu filhinho, não deixe que se formem crostas que é uma acumulação de gorduras segregadas pelo couro cabeludo e que indicam falta de limpeza. Com uma lavagem diária esta crosta nunca se formará, mas se por descuido deixou que aparecesse, unte a cabeça da criança com vaselina ou óleo de amendoas doces. Deixe ficar assim durante toda a noite e na manhã seguinte lave muito bem.

Pelos três meses, por vezes aparecem crostas de origem diferente — a eczema — impetigo — que exigem imediato tratamento. Consulte o médico.



O Seu Lar

Este jogo de «napperons», feitos com linha Mercer Corrente branca, se forem apresentados no II Concurso de Bordado, Crochet e Tricot patrocinado por «Jornal Feminino», talvez ganhem um dos seus valiosos prémios.

JORNAL FEMININO

A revista portuguesa de maior expansão
Leia e Compre e assine esta revista

DE 15 EM 15 DIAS

Tenha Jornal Feminino no seu lar.

Redacção, administração e publicidade:

R. D. João IV — 904 Telef. 30796 — PORTO

Uma revista feminina que todos gostam de ler

Deseja trabalhos tipográficos
com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODELAR

Telefone 62113

Amores

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO CAIRES

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Na parte referente à distribuição do correio, a última carta de Lago, não está como foi escrita. O que eu vos queria dizer era isto: Continuamos sem a distribuição do correio, ao domicílio, e não sei quando a teremos.

Chegaram a Lago no dia 7 duas cartas para mim, uma das quais com resposta urgente, e só as recebi no dia 12 de tarde. Precisamente nesse dia terminava o prazo de a minha resposta chegar ao destino. Resultado tive de ir a casa de meu irmão — no concelho de Santo Tirso — saber o que se passava, logo no dia 13, por não haver telefone no local e não poder ir lá no dia 12. Se houvesse distribuidor, este e muitos outros aborrecimentos, que dão prejuízo, não se dariam. Ao dizer isto, longe de mim o pensamento de haver um distribuidor só para Lago! Podia esta freguesia ter sido englobada com mais uma, ou duas, formando um giro completo.

Assim, fazem as coisas mal, e ficam toda a vida na mesma situação. Há quanto tempo se promete estudar o caso!

O tempo não chega porque não há interesse nos responsáveis.

Há um, ou dois meses certo cavalheiro garantiu-me que alguém lhe afirmou não vir o distribuidor porque ele, o tal

alguém não quer! A mim parece tratar-se de garganta a mais... Nem se compreendia que um homem de juízo andasse a divertir-se com o bem comum, o pondo-se ao progresso da sua terra.

A estas coisas do correio parece dever aplicar-se este princípio, que dizem ser dos antigos sapateiros de Braga: —

Haja moralidade, ou então comamos todos! — Sim! Haja moralidade! Todas as freguesias que nos cercam tem distribuição do correio ao domicílio, e nós ficamos com duas caixas e duas sacas ou malas e... bico calado? Mas, não podemos calar o bico, não podemos concordar com esta situação!

Se não temos distribuidor no meio dos que o têm e teimam em não nos quererem dar distribuidor não há direito de nos obrigarem a pagar estampilhas como os outros. Se não me falha a memória, à instituição dos distribuidores rurais do correio correspondeu a subida da estampilha das cartas vulgares de cinquenta centavos para um escudo. Não achais que devíamos continuar nos cinquenta centavos? Suportar os encargos e não colher os benefícios, parece injustiça, ou penitência a mais...

V. J. Moreira

De Visita

Deu-nos a alegria da sua muito estimada visita a illustre Senhora D. Mercedes Costa, da Quinta do Bárrio, da Feira Nova, que nos veio agradecer todas as atenções, cuidados e orações que por ela tínhamos feito na ocasião da sua grave enfermidade, que, agora se encontra, felizmente, de perfeita saúde. Cumprimentos agradecidos pelos votos de longa vida e felicidades que fizera-mos no dia do seu aniversário natalício ocorrido no passado dia 9 de Março findo, e também pelas visitas e desejos de muitas felicidades para o seu querido filho Horácio Luiz da Costa, que se encontra a estudar no Seminário da Torre, em Soutelo, onde é estudante fervoroso e mais aplicado. Muito grata por todas as atenções desta visita singular.

Palestra Eclesiástica

Realizou-se, há dias, a palestra mensal do clero de Amares; nem todos compareceram, devido às doenças, idades e esquecimentos. Foi conferente o Rev. P.^o Manuel José Vieira distinto Pároco de Vilar da Veiga e do Gerez, que foi ouvido com muito agrado. Foram entregues os títulos paroquiais para a sua próxima renovação e se apresentaram contas dos rendimentos das bulas nas respectivas paróquias. Caires, rendeu, este ano, a módica quantia de 1.462\$00. Graças a Deus.

Melhoramentos

Precisamos de Água e Luz para o lugar do Paço.

C.

Pagamento da

TAXA MILITAR

Todas as pessoas que tenham as suas taxas militares relaxadas podem solicitar o pagamento em qualquer Tesouraria da Fazenda Pública do Continente da República Portuguesa, até ao dia 26 do próximo mês de Junho, pelo que pagarão a taxa simples de 60\$00 sem mais encargos.

Cão Coelho

Desapareceu na passada 6.^a feira, dia 18 do corrente, um cão coelho, cor amarela e branca, um pouco peludo e dá pelo nome de BRILHANTE.

Gratifica-se a quem indicar o seu paradeiro para:

António G. Araújo Amares

GOÃES

No próximo dia 3 de Junho realiza-se nesta freguesia querendo Deus, a tradicional festa em honra do Glorioso Santo António e Nossa Senhora dos Prazeres na Capelinha da Confraria do mesmo Santo, no lugar das Lages desta freguesia.

Esta festa costumava-se a realizar no Domingo posterior no dia 13 de Junho, sendo antecipada este ano por motivo das festas do Concelho e Santo António de Amares.

Os festeiros, rapazes briosos trabalham activamente por abrihantar o melhor possível como já há muito se não viu.

No sábado de tarde haverá confesso para os irmãos e devotos do Glorioso Santo.

Levantar-se-á um arco imponente.

A noite haverá uma grandiosa procissão de velas que sairá da Capela de S. Lourenço e Senhor do Livramento, onde se rezará o

FALECIMENTO

No passado dia 10 de Maio, faleceu na sua residência, com 52 anos de idade, no lugar das Caldas, da vizinha Freguesia de Caldelas, o Snr. Avelino Machado, conceituado industrial de Barbearia, na mesma freguesia, era irmão do nosso particular amigo e assinante deste semanário, Snr. António Luiz Machado, pessoa de bem, nunca deixando de socorrer com a sua esmola, todos aqueles que a êle recorriam, pelo qual a sua morte foi muito sentida.

Tribuna Livre apresenta a toda a família sentida condolência.

C.

terço do Rosário cantado com Alti-falantes que abrihantarão toda a festa. A chegada à Capelinha haverá uma alocução por um orador sacro como encerramento da mesma procissão.

No Domingo haverá missa cantada a grande instrumental.

Finda a missa tocará vários discos o Alti-falante de harmonia com o ritmo da Igreja, como recreio moralizador.

De tarde sairá uma procissão com Andores da Igreja Matriz desta freguesia descendo pelo lugar do Eido, em direcção à referida Capelinha.

A chegada seguir-se-á um sermão em honra do Santo e Nossa Senhora dos Prazeres sendo orador o Rev. do P.^o Albino José Fernandes Alves, Digníssimo Arcipreste substituto de Amares em exercício, que dará provas de subeja veneração ao Santo e aperfeiçoamento das almas de Deus.

Por fim seguirá o bazar de oferendas para auxiliar as despesas.

Também aparecerá o célebre bacalhau no cimo dum vâra para o primeiro aventureiro que o ganhar subindo-a sem qualquer auxílio.

Se o tempo chegar também será sorteado o Brinde da mesma festa.

Serão queimadas várias dúzias de fogo e será oferecido um prémio ao melhor classificado.

Aparecendo também o chamado fogo preso e vários divertimentos.

Goães vai festejar o Santo António como já há muito não à memória.

C.

PRAGA

Ao Ladrão da minha mala

Ó tu, meu grande bruto mascarado,
Meu ladrão, assassínio e bandido!
Eu sei que isto não lês, excomungado,
Mas fica-te mais preto do que ardido!

Sejas por todos tu escarnecido
E vive como abutre desejado
Que voa sobre o crime cometido
Só por vício e por sanha de pecado.

Rogo, que os teus lamentos de sofrer,
(Pois sei que algum dia sofrerás)
Sejam muitos e nunca possa haver

O antídoto para ministrar...
Levaste-me tudo e não lembrarás
Que eu, praguejando, fico-te a chorar...!

Cícero Dias

FESTAS DA CIDADE DE FARO

Grande Concurso de

Quadras Populares

Realiza-se na noite do dia 23 de Junho de 1962 na Alameda João de Deus, em Faro, por ocasião das Festas da Cidade de Faro organizadas pela Direcção da «Casa dos Rapazes» e sobre o alto patrocínio da Câmara Municipal da cidade, um Grande Concurso de Quadras Populares ao qual podem concorrer todos os poetas portugueses, enviando as suas produções, em triplicado, dactilografadas, subscritas com pseudónimo e acompanhadas dum envelope contendo o nome e morada do autor, até ao dia 20 de Junho de 1962, para Júri do Concurso de Quadras — Rua Dr. Cândido Guerreiro, 32 — Faro. Serão atribuídos 3 prémios acompanhados de Diplomas de Honra e haverá 6 Menções Honrosas, além das Menções de Distinção que o Júri entender atribuir.

Fica Vossa Excelência convidado a concorrer.

Pela Direcção,

Vítor Castella

ATROPELAMENTO MORTAL

A camioneta da Empreza Hoteleira do Gerês, ao passar às 14,30 na recta de Lago, atropelou mortalmente o menino Delfim Soares, filho do sr. Frederico Lopes Soares, colaborador da Casa do Povo e elemento da Banda de Música de Amares. A residência do atropelado é à margem da estrada onde se deu a fatalidade e é nesses locais que os desastres se podem dar em frequência ainda que os condutores dos carros tenham a cautela que no caso presente se verificou, indo pela sua mão e com velocidade de moderada.

Todos os esforços do condutor foram boldados e que o triste acontecimento disperte em todo o cuidado que exige o intenso trânsito nas estradas muitas vezes desrespeitado.

Albino Campelo

Com 76 anos de idade faleceu no passado domingo na sua residência no lugar das Neves o sr. Albino Campelo, conceituado negociante e figura de relevo no meio musical e poético. Deixa apreciáveis versos de rima satírica mas inofensiva que revelam uma inclinação literária nata e prodiga. Que nunca quiz aproveitar como revelação do seu talento. — C.

Lá e Cá

O Brasil, descoberto no ano de 1500 por Pedro Alvares Cabral, pediu ordeiramente a sua independência para poder melhor honrar os seus progenitores, assim tem sido e assim tem compreendido os governantes dessa grandiosa nação cujo progresso se reflete nas qualidades da indomável coragem dos portugueses de todos os tempos. Outrora como hoje o heroísmo não pereceu e cada vez mais, Portugal mostra o valor dos seus filhos quando, cada um, se compenetra do papel que lhe cabe desempenhar na vida social e política.

Liberdade condicionada é dispensada lá e cá a todos os cidadãos que pacificamente pretendam concorrer para a sua felicidade de todos. Assim o compreendeu o sr. Carlos Augusto Taveira que, depois de uma permanência temporária em Carrazedo, regressou ao

Rio de Janeiro para ver os seus negócios e os seus amigos mas os 40 anos de Brasil apenas lhe serviram para enriquecer os seus conhecimentos, fortalecer o amor pátrio e angariar fundos para lá e cá mostrar as suas qualidades de generosidade e de bairrismo, sem a menor sombra de vaidade que não querem ferir com esta notícia.

O estimado pároco de Carrazedo acaba de receber notícias desse grande português a quem encarregou de lhe mandar um relatório das necessidades imediatas da Igreja e até da freguesia para na devida oportunidade enviar o que lhe for possível afim-de concorrer na medida do possível para a resolução das dificuldades. Ora, lá e cá os portugueses são sempre bons quando querem e podem. Parabéns ao sr. Taveira e que o gesto consiga imitações.

Elisio Gonçalves

A LAVOURA através dos factos

Continuação da 1.ª página

melhores surtos de progresso. Apenas merece algumas considerações da deslocação dos habitantes das referidas zonas. São forçados a procurarem outras em qualquer parte.

Ocupam, assim, terras produtivas que outros abandonaram por venda. A verdade é que existem ainda terras por desbravar. Nestas, previamente preparadas, poder-se-iam receber essas gentes. Equilibrar-se-ia, assim, a disponibilidade de cultivo. Este um obstáculo que se deveria evitar. Mas há mais e maiores: — Não há muito tempo ainda, só as grandes cidades dispunham de saneamento eficaz. Os despejos faziam-se nas fossas, donde eram levados em pipas às terras suburbanas. Agora, perdem-se a maior parte, na imensidade dos mares.

Assim se debilita a terra — pois é de estrume que ela se alimenta. Fala-se em aproveitar-lhe quanto tiver de prestável. Merece aprovação tal recurso. Outro factor concorreu em larga escala para a redução de estrume: a tracção mecânica. Evidentemente que já ultrapassamos o tempo das «diligências» a transportar correio e passageiros, carros de bois a encherem e esvasiarem cidades e portos, etc. No entanto, os novos meios de transporte danificaram a lavoura: na diminuição de animais de toda a espécie e consequente deficiência de estrume e carne. E o mal atingiu até a alta finança: num menor rendimento e escoamento de divisas. Daqui algumas das maiores deficiências que a agricultura sente.

Sabe-se, embora, que a indústria de adubos químicos entrou numa fase progressiva e tudo se dispõe para a construção suficiente de máquinas e alfaias de toda a ordem, selecção de

Instrução técnica profissional

(Continuação da 1.ª página)

técnicos e a prática que a formação do moderno agricultor torna indispensável.

As próprias Casas do Povo poderiam decerto tornar-se elementos transmissores dos conhecimentos primários dessa cultura, suscitando nos jovens trabalhadores o interesse pelo estudo dos problemas agrícolas vistos à luz da ciência e da técnica.

A conferência, o cinema, o livro, a televisão, judiciosamente conjugados num esforço constante de divulgação sistemática e escalonada, poderiam facilitar imenso o desabrochar do gosto pelo estudo da agricultura científica, facilitando o ingresso em condições favoráveis nas referidas escolas técnicas profissionais, de onde sairiam os futuros cultivadores especializados.

É claro que aumentando o nível da produção, aumentaria também o nível de vida desses especialistas, já que o velho cavador rude e carregado de ignorância da agricultura dos tempos idos tenderia-a a desaparecer. A maiores conhecimentos corresponde maior salário e um salário suficiente facilita a fixação dos trabalhadores no campo, evitando-se assim o seu desastroso êxodo para as cidades industriais em demanda, apenas, na maior parte dos casos, de salários mais elevados.

A preparação técnica dos nossos trabalhadores rurais é hoje uma necessidade verdadeiramente nacional e para ela chamamos a atenção de todos os interessados, isto é, a de todos os portugueses.

sementes, etc. Mantemos, portanto, a esperança de equilíbrio e até excedentes necessários reclamados pelo mercado externo.

Metrópole á sombra de uma muralha

(Continuação da 1.ª página)

com certo desprezo de «Vopos» (Volkspolizisten), destacados pelo regime da Zona Soviética para vigiarem esta fronteira, merecem antes compaixão do que desprezo. São jovens que nunca conheceram outra coisa senão a pretensa «educação socialista». Mostraram-lhes apenas como se maneja uma pistola automática, tentando suprimir todos os sentimentos humanos e toda a decência. Muitos deles — estimativas oficiais indicam mais de dez por dia — saltam em Berlim por cima da Muralha. Indicam os mais variados motivos da sua fuga. Alguns falam até da alimentação precária na Zona Soviética outros mostram-se profundamente abalados pela injustiça representada pela Muralha. «Pode crer, sou um bom soldado, não queria fugir mas quando vi a Muralha e os velhos chorando e acenando do outro lado, não pude resistir», contou recentemente um deles. Seria errado supor que estes jovens estão todos dispostos a assassinar os seus irmãos, apesar de receberem constantemente dos funcionários comunistas ordens neste sentido. Quando lançam mão da pistola automática, manifesta-se neste gesto o horrível efeito colectivo da ideologia que, aliás, até faria corar Marx e Lenine.

Instalação dos serviços judiciais

(Continuação da 1.ª página)

bamos de referir), nu medifício velho, onde quasi tudo era preciso substituir, nem era aconselhável, de qualquer forma, pois todos sabem das miseráveis instalações em que a Câmara vive, como aqui já foi dito:

A Câmara precisa da sala principal do edificio, para a sua sala de sessões, com uma entrada própria e condigna, pois não pode continuar com um cubículo servindo de sala de sessões, com entrada por um corredor imundo e escuro dum rés-do-chão e também não pode contar que os futuros magistrados de carreira, lhe continue a imprestar a sala, para as posses, conferências, reuniões, políticas, etc, como tem acontecido, pois na actual sala de sessões da Câmara não é possível caber mais de 50 pessoas.

Também existem outras razões de peso, que são a má instalação da Tesouraria da Fazenda Pública, sem luz, e separada da Secção de Finanças; o arquivo da Câmara, os serviços de aferição, e os serviços municipalizados e de engenharia que necessitam de instalações próprias.

O Edifício todo, é pouco para a instalação dos serviços Administrativos e fiscais.

A Exortação de Norton de Matos

Continuação da 1.ª página

do Porto para Lisboa, a ver se, ao menos aqui, se conseguia iludir o fiasco.

No distrito de Viana do Castelo, por exemplo, também houve papelinhos convidativos. Apareceram por todo o lado, e invocavam, para a manifestação, a memória de Norton de Matos. «Honrai a memória do general Norton de Matos — escrevia-se nos papéis — gritando Paz em Angola, Independência das Colónias, Regresso dos Soldados!». Estes papéis apareceram em catadupas no concelho de Ponte de Lima, terra natal de Norton de Matos, onde repousam, os seus restos mortais, que estes traidores de quinta ordem pretendem agora exovalhar e explorar.

O presidente do Município limarense, coronel Alberto de Sousa Machado, desfez os energúmenos, perante os conterrâneos do que foi Alto Comissário de Angola, durante uma cerimónia pública ali efectuada. Inaugurava-se uma escola, na presença de autoridades e muito povo. E o coronel Sousa Machado, visivelmente indignado, verberou:

«Estes, vendidos aos nossos inimigos, ultrajam assim a memória daquele nosso ilustre patriota conterrâneo, que escreveu a conhecida «exortação aos novos», onde lhes diz:

— Não deixeis que ninguém toque no território nacional!

— Conservar intactos na posse da Nação os territórios de Aquém e Além-Mar é o vosso principal dever.

— Se alguém passar ao vosso lado e vos segredar palavras de desânimo, procurando convencer-vos de que não podemos manter tão grande império, expulsai-o do convívio da Nação!

— Para a realização dessa obra contaí principalmente convosco!

— Proclamai bem alto, por forma que todo o Mundo vos ouça, que nunca consentireis que os territórios de Além-Mar, onde há cinco séculos trabalhamos e sofremos, sejam considerados terras de ninguém, onde se queiram fazer ensaios utópicos de quaisquer internacionalizações.

— Esses territórios, dizelhes, constituem provin-

como já aqui foi dito.

Outra razão de peso é o facto de haver belíssimas instalações muito mais bem localizadas e oferecendo mais fáceis comunicações aos povos, e um meio social económico de muito maiores possibilidades, para magistrados e funcionários judiciais, no principal centro da Vila.

Finalmente, outra razão forte é a de que politicamente esta é a solução ideal, pois da divisão de serviços adivirá uma paz que nubitavelmente surgirá.

cias tão portuguesas como as da Metrópole, a Nação é só uma!».

E o presidente da Câmara de Ponte de Lima prosseguiu: «Sim, devemos honrar a sua memória, cumprindo a sua vontade, mas não atraçoando o mandato que nos legou o seu esclarecido e patriótico espírito. É o que estão fazendo esses valentes rapazes portugueses, que em Angola se batem na defesa da Pátria e a quem todos devemos prestar a nossa mais reconhecida homenagem de gratidão».

A multidão que o escutava aplaudiu calorosamente estas vibrantes palavras, que foram ao mesmo tempo a condenação daqueles que a si mesmo se definem do seguinte modo: «Somos os defectistas e traidores da Europa... espalhamos por toda a parte os germes da confusão e do mal-estar... somos os que daremos sempre a mão ao inimigo!»

São poucos, mas perturbam a Agem sob ordens do estrangeiro. Não tenhamos dúvidas de que muito dinheiro estrangeiro anda no meio de tudo isto. Já que não conseguem vencer os nossos bravos soldados, pretendem destruir ou desorientar a política em que assenta o progresso da resistência portuguesa.

«Se alguém passar ao vosso lado e vos segredar palavras de desânimo, procurando convencer-vos de que não podemos manter tão grande império, expulsai-o do convívio da Nação!» — escreveu Norton de Matos. Pois expulsemos-os, mas com energia!

Peregrinação a

SAMEIRO

3 de Junho de 1962

Encerrando o mês de Maio mais uma peregrinação de Penitência e Oração vai subir à montanha santa.

PENITÊNCIA E ORAÇÃO

Para pedir: — A PAZ em Portugal.

— Os maiores frutos do Concílio Ecuménico.

PROGRAMA

31 de Maio — Tríduo preparatório na Sé, às 21 horas, com pregação.

1 e 2 de Junho — Tríduo, às 21 horas.

3 de Junho — 8 h. — Salvo da Peregrinação da Sé Catedral, às 11,30 h. — Missa Campesina no Sameiro. Alocução, Comunhão Geral, Bênção dos Doentes e dos Peregrinos. Apoteose e Despedida a Nossa Senhora.

Inscrição de doentes nos lugares do costume.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

S. Paio de Seramil

tro sítio chamado *Portela* (pequena passagem) e é para ver quanto esta palavra se vulgarizou neste mesmo sentido e se tem empregado no vocabulário corrente, ainda quando já não se lhe prenda a ideia exacta do seu verdadeiro significado. Como estes, tantos outros exemplos curiosos das extraordinárias particularidades da linguagem, com seus profundos segredos bem dignos de consideração. Palavras e termos usados no estreito âmbito das populações locais, onde de tudo pouco evoluiu e desgastou, encontrando-se a mesma linguagem em sua primitiva riqueza de forma e princípios.

Os *Titulos dos usos e costumes paroquiais* pouco variam de umas para outras freguesias, reportados à mesma data da sua actualização.

O de Seramil, muito antigo, mas sem ano certo da sua elaboração, diz assim:

«Ittem Dízimos q. costumáo pagar milho grosso pequeno sent.o feijões trigo e painço e tudo o q. he razado he uzo e costume eirar o labrador nove p.a sy e hum p.a Deos; e o Dízimo do v.o (vinho) o mesmo modo.

Ittem castanhas, e landres, nabal e Fruta, também tirar nove p.a sy e hum p.a Deos, e os nabais as varas nove p.a o labrador e hua p.a o Dízimo.

Ittem os gados Bezerros, cabritos, anhos, Bacoros, Bestas, chegando a Dez cabeças inteyras, hua p.a Dízimo e nove p.a o criador; e não chegando mais q. a sinco he meya cabeça e o abb.e ou rend.ro ha de por a pustura, e a escolha he do criador tomar ou largar, e sempre a pustura será na mayor p.e (parte) e não chegando as dez cabeças inteyras he isto por a meya cabeça; e pellos cabritos anhos, e bacoros não chegando a sinco não paga o criador mais q. a sinco reys por cada cabeça, e pellos Bezerros trinta reys, e plas bestas meyo tostão; e declaro q. o criador escolhera na melhor cabeça e o rend.ro ou abb.e pega logo a seguir a melhor.

Ittem os cortiços das abelhas enxames também se dizimão chegando a Dez hum p.a o dízimo, e da mesma sorte nos favos do mel, pelo mesmo modo; e não chegando aos dez enxames he uzo pagar por cada enxame a dez reys.

Ittem, pitos de cada galinha lançada, de cada ninhada pagar hu, e sendo todos femeas he uzo não se pagar nenhu.

Ittem de costume pagar de primicia de vinho hum almude.

Ittem uzo e costume do q. paga à Igreja e renda cada fregues; todo fregues casado paga de pão sinco medidas sabidas, a saber hua premicia de milho, outra de senteyo o q. semeia senteyo, e hu alq.re de obrada de milho branco pequeno, e outro de milho grosso, ou roixo da brorta e mais legumes a q. chamão avença, e outro das misturas dos sabados e acompanham.tos a saber as procições dos sabados e fora da freg.a, e neste alq.re de pão entrão também a paga de doze missas q. ha de dezer o parochto todas as sextas feyras primeyras dos meses ao Nome de Deos plos fregueses, também ha de dezer missa todas as primeyras coartas feyras dos meses por tenção dos mesmos fregueses a Sam Sebastião, e em dia do Nome de Deos e prim.ro de Janeiro hão de chamar tres clerigos q. com o parochto faze coatro e hão de ter missa offianda por tenção dos fregueses e lhe hão de pagar a cada seu tostão; e hão de dar ao parochto hu tostão de oferta alem do outro da missa cantada q. fazem dous tostois, e outro cruzado co tostão da oferta se pagão plas missas de Sam Sebastião, e esta paga ha de fazer o Mordomo ou Juiz da Confraria do Nome de Deos, e declarão q. o cruzado q. se dá a Rev.do parochto plas missas de S. Sebastião he alem dos sinco tostões do anniversario do Nome de Deos.

Ittem, também p.a o anniversario da Snra do Rosario hão os fregueses de chamar tres padres q. o Parochto fazem coatro e pagar lhe cada

(Continua no próximo número)

A MULHER PERANTE A VIDA

Continuação da 2.ª página

A solteirona é aquela que o quis ser. Não tem razão para se sentir diminuída nem vexada. Lute, trabalhe com a consciência de que, em qualquer altura, pode modificar o seu destino. Não é frequente o casamento de mulheres de perto de cinquenta anos?

E se escolher o celibat^o por gosto, que viva serena, sem complexos. A beleza e a felicidade não são exclusivos desta ou daquela condição de vida. A beleza e a felicidade oferecem-se. Entendamos as mãos e apreciemo-las.

Irmã de Lencastre

I Salão Nacional de Arte Fotográfica do Centro Escolar n.º 7 da Mocidade Portuguesa na Régua

Com prémios instituídos pela Câmara Municipal do Peso da Régua, Casa do Douro, Grémio do Comércio e Centro Escolar n.º 7 da Mocidade Portuguesa ou oferecidos por casas de artigos fotográficos, vai realizar-se, nas férias grandes, na Escola Técnica da Régua, o I Salão Nacional de Arte Fotográfica do Centro Escolar n.º 7 da Mocidade Portuguesa.

As inscrições podem efectuar-se até Agosto, devendo os interessados solicitar àquele centro o respectivo regulamento, bem como o boletim de inscrição.

«Encruzilhada Aérea dos Superlativos»

(Continuação da 6.ª página)

cedido apenas pelo London-Airport e o Aeroporto de Paris-Orly. No ano passado aterraram ou levantaram voo nas pistas de Francfort nada menos 100.000 aviões de 59 companhias internacionais da aviação. Francfort dispõe desde 1961 da maior pista da Europa, de 4 km de comprimento. O movimento de passageiros atingiu uma média diária superior a 7.000. Nos meses de tráfego mais intenso, em Agosto e Setembro, as partidas e aterriçagens suscederam-se num ritmo de tres minutos e meio. Esta estatística abrange apenas aviões de passageiros dos quais 20% foram aviões a jacto.

O crescimento surpreendentemente rápido do Aeroporto de Francfort, que no verão passado celebrou o seu 25º aniversário, tem causado espanto até mesmo aos peritos internacionais. Em 1950 o movimento de passageiros foi apenas de 195.000, colocando o aeroporto nessa altura na categoria dos aeroportos de carácter provincial. Hoje em dia contam-se cada mês mais de 200.000 passageiros. Em 1957 os peritos calcularam que em 1970 se atingiria a cifra de 2,3 milhões de passageiros. Depois desta cifra já ter sido excedida em 1961 de 300.000 passageiros, os planeadores do tráfego de Francfort tiveram de corrigir as suas cifras. Os projectos de ampliação a realizar até 1968 prevêem um movimento de 8 milhões de pessoas.

Em face do desenvolvimento impetuoso do movimento de passageiros e do aumento rápido dos fretes e das remessas de correio, não admira que a extensa área do aeroporto, a dois passos da célebre «Encruzilhada de

XVI

A INDIA PORTUGUESA

por Porfirio de Sousa

Continuação do número anterior

A arte e a destreza do Vice-Rei faziam frustrar todas as tentativas do inimigo para destruir a esquadra portuguesa, parecendo adivinhar-lhe os seus desígnios.

A luta prosseguia sem tréguas nem afrouxamento — luta de vida ou de morte e mais de morte do que de vida.

Os portugueses já tinham posto fora do combate muitos navios inimigos que a arder foram para o fundo e outros tinham sido apresados e tomados.

A nau de Mirocem foi atacada com tal bravura e apresada e o combate a bordo, entre as duas hostes inimigas, atingiu o auge da carnificina.

Os poucos inimigos que escaparam, na suprema ânsia de salvarem as vidas, atiram-se pela borda fora para água, incluindo o próprio Mirocem, apesar de muito ferido.

A batalha continuava cada vez mais acesa e, por fim, os portugueses atacaram, com verdadeiro ímpeto, a poderosa nau de Meliquiaz que, apesar da porfiada defesa da sua tripulação, sossobrou, indo a pique.

Cerca de 4.000 homens foram mortos nessa terrível batalha, onde, também, muitos portugueses perderam a vida — mas foi considerado uma das mais gloriosas batalhas até ali — dos portugueses na Índia.

O inimigo estava derrotado, mas isso ainda não constituía a revindicta de D. Francisco de Almeida pela morte do filho.

A vingança ainda não estava completa e, por isso, tinha de prosseguir com todos os requintes de crueldade.

Meliquiaz, o grande e matreiro capitão de Diu, que fazia «pandant» com Mirocem na galhofa sobre a capacidade guerreira dos portugueses, reconheceu a sua esmagadora e estrondosa derrota.

Completamente desorientado e aterrado pelo revés sofrido, Meliquiaz transformou-se de carnívoro lobo do mar no mais inocente cordeiro e com todas as blandícias procurou ameni-

Francfort», o mais importante cruzamento de autoestradas da Alemanha, esteja em constante ampliação. Numa área de 800.000 m² constroem-se hangares, estaleiros, edifícios de recepção, rampas, armazéns para a carga e edifícios dos correios. Além disso estão em construção 35 novos cais de embarque, de maneira que, num futuro próximo, poderão ser despachados simultaneamente nada menos de 75 aviões.

sar a torva revolta que se agitava no coração de D. Francisco de Almeida.

A cossado por invencível medo, apressou-se a declarar que se submetia inteiramente à vontade do Vice-Rei e que cumpriria, fielmente, todas as ordens que a primeira autoridade portuguesa achasse por conveniente dar-lhe.

Nos navios aprisionados encontraram-se muitos objectos de valor que D. Francisco de Almeida dividiu pelos seus homens, sem reservar nada para si como recordação daquela memorável batalha.

A primeira exigência que o vencedor Vice-Rei fez ao vencido Meliquiaz foi a de lhe entregar imediatamente todos os prisioneiros portugueses que serviram sob as ordens de D. Lourenço de Almeida.

Meliquiaz, logo que recebeu tal intimativa apressou-se a dar-lhe inteiro e rápido cumprimento, vestindo todos os prisioneiros com o que havia de melhor e ofereceu a cada um 50 moedas de ouro.

Depois de todos os prisioneiros estarem devidamente prontos para deixarem a prisão pôs-lhe um barco à disposição para os transportar a bordo do navio do Vice-Rei.

A acompanhar o barco que conduzia os prisioneiros seguiram vinte embarcações carregadas de presentes para D. Francisco de Almeida e que consistiam em manteiga, arroz, biscoitos, açúcar, ovos, carneiros, vacas, etc... etc, como acto de inteira submissão.

Os antigos combatentes de D. Lourenço de Almeida foram recebidos pelo Vice-Rei que os abraçou a todos com grande satisfação e ao mesmo tempo com as lágrimas nos olhos por não ver ali, naquele momento, o chefe daqueles intrépidos guerreiros.

As lágrimas da saudade daquele intrépido e prestigioso marinheiro contagiaram todos aqueles homens, afeitos à dureza da vida e da guerra, e os seus olhos marejaram-se de quentes lágrimas ao recordarem que estavam em frente do pai do seu malgrado e querido chefe que perdera a vida para salvar as suas.

Dos muitos navios que tomaram ao inimigo, o Vice-Rei escolheu 6 boas galeras e três grandes naus e os restantes que eram muitos — mandou largar-lhe fogo, excepto a uma que estava meio sossobrada e desmantelada.

Os navios incendiados no posto, a distância, davam a impressão de fogueiras na noite de S. João.

(Continua no próximo número)

TRIBUNA DE VIEIRA

CARTA DE RUIVÃES

Está a decorrer em França o julgamento do General Salan, comandante em chefe do exército secreto da Argélia. A sua condenação á morte vai ser um facto.

A Justiça humana é muitas vezes, senão sempre, susceptível de erros, por mais escrupuloso que seja o julgado.

Tem havido excessos por parte daquele exército secreto, merecedores de maior repulsa? Ninguém o contesta.

Mas, pergunta-se: com que intenção têm esses massos sido cometidos?

Não será o sentimento patriótico o móbil desses actos a que podemos chamar canibalescos?

Não há guerras sem violências, sem atropelos, sem actos desumanos.

Praticou-os a Alemanha de Hitler, praticaram-nos os ocidentais e já não falo na Rússia, porque então aí é que ficou bem á vista de quão longe pode chegar a ferocidade dos desalmados. Eram homens enterrados vivos aos milhares; eram prisioneiros submetidos a torturas cruciantes; eram fuzilamentos em massa; uma palavra: um Chacal sentir-se-ia diminuído, se levasse tão longe a sua ferocidade.

Salan, no pretório, assumiu uma atitude nobre, ao declarar-se, altivamente, o comandante do exército secreto, assumindo, com rara nobreza, toda a responsabilidade por todos os actos cometidos.

Ele já sabe a sorte que o espera: a sua condenação á morte; mas isso não o fez succumbir.

Estará ele dentro do que

mais pode, neste momento, interessa á França?

É possível que não, mas só a história, mais tarde, poderá fazer-lhe a justiça que o presente lhe irá negar.

O seu patriotismo inflamado, o seu juramento de soldado valoroso, e o seu fanatismo por uma França Grande e forte devem ter sido a causa determinante da sua actuação violenta e desumana.

Não se trata de um explorador oportunista, na baixa acepção do termo. É indispensável que o Tribunal Militar que o está julgando tome em consideração os altísimos serviços por de prestados á Pátria.

Se as condecorações que lhe adornam e feito representam o tributo devido aos seus altos feitos, que estes não sejam esquecidos ou intencionalmente negados.

A França não pode desfazer-se assim dos seus filhos mais ilustres.

A condenação de Pétain foi uma injustiça revoltante, que a França há-de pagar.

Jouane foi vítima, também, de igual injustiça.

E com Salan vai dar-se o mesmo.

A pena de morte não tem razão de existir, a não ser em casos excepcionalmente graves quer a vida de um país.

Degaule prestigiar-se-á com uma medida de clemência.

Poupar a vida dos seus filhos dar-lhe-á autoridade para prosseguir na sua obra de reconstrução nacional.

Que todas as mães e esposas, sem hesitação, se movimentem no sentido de ser co-

mentada a pena capital aos dois valorosos generais.

A vida humana é um Dom de Deus é porisso só Deus deve dispor dela, salvo, como disse, raríssimas excepções.

O poder não se consolida com sangue.

Que a França de Bossuet e de Joana d'Arque se convença disso, para ter direito á sua desejada grandeza.

Amadeu Cesar

TRIBUNA LIVRE 26-5-1962



SECRETARIA JUDICIAL DE VILA VERDE ANÚNCIO

Por este se faz público que foi distribuída na Secretaria Judicial desta comarca, á Primeira Secção, uma acção contra ROSA DE SOUSA, viúva, proprietária, do lugar de Calvário, freguesia de Soutelo, desta comarca, para o efeito de ser declarada a sua interdição por prodigalidade.

Vila Verde, 16 de Maio de 1962

O Juiz de Direito,

a) Manuel Augusto Gama Prazeres

O escrivão de Direito,

a) Manuel Augusto Monteiro da Silva

Visado pela censura

Em Francfort está em construção a «Encruzilhada Aérea dos Superlativos»

Não há ponto algum da República Federal da Alemanha onde se demonstra tão convincentemente a importância da aviação civil como na grande «Encruzilhada Aérea» ás portas da metrópole económica do Hesse, Francfort. O Aeroporto Reno-Meno tornou-se em poucos anos um dos centros principais da aviação internacional, querendo pa-

recer que a curva da sua evolução continue ascendente sob o signo da aviação de propulsão por jacto.

Como se deprende de uma estatística publicada estas semanas pela administração do Aeroporto de Francfort, o aeroporto situou-se em 1961 em terceiro lugar no tráfego aéreo europeu, pre-

(Continua na 5.ª página)

ADÁGIOS

I

Todo o mal é ter a fama...
Não se diz sem fundamento:
—Cesteiro que faz um cesto,
tendo vérga, faz um cento...

II

Uma das mãos lava a outra:
—Não há no Mundo ninguém,
por muito grande que seja,
que não dependa de alguém...

III

Boca de mel, mãos de fel:
—Há muita gente que traz
no peito rótulo de santo
e é pior que satanaz!

IV

Tudo tem seu meio termo:
—A comida cozinhada
com pouco sal, fica insossa:
se é de mais, fica salgada...

V

O bom vinho escusa ramo:
—Quer dizer este rifão
que também as boas obras
não precisam de pregão...

VI

Não julgues pela aparência...
Terra negra dá bom pão:
—Pessoas há que são feias,
e têm bom coração!

VII

Cada qual sabe de si...
É verdade muito certa:
—Aquele que calça a bota,
é que sabe onde lhe aperta...

VIII

De enganos vive a Justiça...
Justiça? Põe-na de banda:
—Vale mais um mau concerto
do que uma boa demanda...

IX

No jogo se perde o amigo...
Ditado bem verdadeiro:
—Amigos duram enquanto
dura na bolsa o dinheiro...

X

Bem dizer e bem ouvir,
é arte de conversar:
—Quem não puder dizer bem,
faz melhor em se calar...

ALFREDO CABRAL

Nobiliarquia Regional

— Manuel Pimenta de Brito, um de seus filhos, foi Sargento-mór de Entre-Homem e Cávado; casou com Maria Carvalho, Snr.ª da quinta de S. Veríssimo, filha de Gaspar Antunes de Carvalho e de Inês Antónia. (Sem dúvida, há no cartório de Castro notícia da nomeação, 1698, deste Sargento-mór como «ouvidor» de Entre-Homem e Cávado, funções que acumulou).

— Salvador Pimenta de Brito, 3.º filho de Maria de Araújo de Azevedo, foi Snr. da quinta de Toural e Salvadouro; casou com sua parenta Mariana da Fonseca de Azevedo, filha de António de Araújo e Silva, e tiveram:

— Henrique de Sousa de Brito, que foi Snr. das mesmas quintas. Casou com D. Maria das Neves Barbosa, filha de Teotónio Cerqueira de Barros, cavaleiro de O. de Cristo e, depois de viúvo, Abade de Proselo.

Ana Pimenta de Brito, filha do Sargento-mór e de s/ mulher, na quinta de S. Veríssimo; casou c. António Carvalho Vieira, filho de Sebastião de Carvalho.

* * *

É evidente que não se pretende, com estas breves notas genealógicas, fundamentar as pequenas dinastias de famílias fidalgas que em datas posteriores á Renascença, levantaram seus solares Entre-Homem e Cávado e, a exemplo e lição do Poenta da Tapada, consolidaram por toda a parte esse belo movimento de fixação á terra, que foi o da nobreza rural nela e por ela empenhada em engrandecê-la.

Dessas maravilhas recordações de um Passado pouco distante, os esplendorosos os paços da nobreza ou caíram em ruínas ou nas mãos dos filhos de velhos feitores e caseiros. Os salões abandonados transformaram-se em arrecadações de alfaias agrícolas; as capelas so-

larenças, em cujos pavimentos repousam ignoradas as cinzas dos antigos morgados e seus familiares, algumas delas, profanadas, são palheiros e abegoarias.

Mas, adiante.

Deseja-se simplesmente mostrar aqui, como pessoas e famílias que no decurso de algumas gerações mantiveram nesta região o seu assento, e depois se extinguiram ou dispersaram, sem que se conheçam verdadeiramente os seus representantes.

Borges de Ansedo — Consta que este apelido dos Borges entrou em Portugal, ao tempo de D. Sancho I.

Rui Dias Borges — foi camareiro-mór de D. Duarte, e senhor de Carvalhais e Verdemilho, etc.

Gonçalo Borges casou com D. Isabel de Sousa de Miranda.

António Borges de Miranda casou com D. Margarida Henriques, filha de D. Afonso Henriques, senhor de Barbacena, e de D. Lucrecia Pereira de Berredo. Casou 2.ª vez c. D. Antónia Pereira de Berredo, dama do paço (que se dizia pejada de D. João III, e por isso o mesmo lhe fizera mercê de Carvalhais, que fora do seu antepassado, e de Ilhavo).

D. Catarina Borges de Miranda foi senhora da Quinta do Porto no Entre-Homem e Cávado, e por isso lhe chamaram a «dona do Porto». Casou c. João de Biscaia, fidalgo biscaíno que por crimes aí cometidos veio Portugal.

Gonçalo Borges de Miranda casou c. D. Maria Vieira, filha de Fernão Alves Barroso e de D. Catarina ou Justa Vieira.

Gomes Borges de Azevedo foi Senhor da maior parte da casa de sua mãe e da Quinta do Porto. Casou c. D. Camila Rebelo de Meireles.

Baltasar Borges de Azevedo, seu filho casou em Besteiros com Maria Gonçalves, e teve a Manuel Borges que foi clérigo, e Ana Vieira que casada e deixou geração.

E, finalmente, os deste apelido de Borges, por enlace com os de Abreu Lima, foram senhores do solar de Vinhadouro, na mesma freguesia de Besteiros (Quinta de Santa Ana), solar e capela desman-

(CONTINUA)